

PROFESSOR OUVINTE NO ENSINO DE CLASSIFICADORES DA LIBRAS EM ESCOLA BILÍNGUE

HEARING TEACHER IN THE TEACHING OF LIBRAS CLASSIFIERS IN BILINGUAL SCHOOL

Darlene Seabra de Lira 1
Alex Inácio da Silva 2
Jéssica Pereira Oliveira 3
Cristiano José Monteiro 4
Tiago Alcantara de Oliveira 5

Mestranda em Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8783256913537160>.
E-mail: darlenseabra@hotmail.com

Graduação em Licenciatura em Letras Português e Inglês e suas Literaturas, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6677939113047375>.
E-mail: professoralexinacio@gmail.com

Especialização em LIBRAS e Educação Inclusiva da Pessoa Surda. Faculdade ALPHA.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8256789292252931>.
E-mail: jesk2023@gmail.com

Mestrado em andamento em Linguagem e Ensino. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5181767677750766>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8335-5752>.
E-mail: cristiano.jmonteiro@ufpe.br

Pós-graduação em Libras e Educação Inclusiva de Pessoa Surda. Faculdade ALPHA.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6773243949023858>.
E-mail: thiago.letraslibras2014@gmail.com

Resumo: Em línguas de sinais, é comum o usuário modificar algum sinal para destacar ou adaptar alguma característica, essas modificações são chamadas de “Classificadores”, importantes para adequar o sinal ao referente, afinal, “andar” difere para pessoas, animais e veículos. O ensino desses Classificadores é importante por serem uma característica da Língua Brasileira de Sinais, corresponderem à gramática. Embora necessário, muitos professores ouvintes em escolas bilíngues têm dificuldade para praticar e ensinar essas marcas. O objetivo deste trabalho é analisar mostrar como esses docentes têm usado os Classificadores. Para isso, quatro professores ouvintes que ensinam Libras em escolas bilíngues da cidade de Campina Grande-PB foram observados em uma entrevista, coletada por meio de vídeo. O resultado foi que os docentes têm dificuldades no uso e no ensino desses Classificadores, pois a Língua Portuguesa – a língua materna deles – possui formas diferentes de Classificadores, já que a modalidade é oral-auditiva, diferente da Libras, que é gestual-visual. Assim, percebemos que os professores ouvintes atuantes no ensino de língua de sinais em escolas bilíngues devem ser capacitados nesse aspecto e participar ativamente de comunidades surdas para desenvolver uma fluência no uso dos Classificadores, pois tais profissionais são importantes em uma etapa necessária do desenvolvimento pedagógico.

Palavras-chave: Professor Ouvinte. Classificadores em Libras. Escolas Bilíngues.

Abstract: In sign languages, it is common for the user to modify a sign to highlight or adapt a characteristic, these modifications are called “classifiers”, important to adapt the sign to the referent. The teaching of these classifiers is important because, in addition to being a characteristic of the Brazilian Sign Language, they correspond to good grammatical correction. Although necessary, many hearing teachers in bilingual schools have difficulty in both practicing and teaching these marks. The objective of this work is to analyze and to show how these teachers have used classifiers. Four hearing teachers who teach Libras in bilingual schools in the city of Campina Grande-PB were observed in an interview, collected through video. The result was that hearing teachers have difficulties in teaching these classifiers, since Portuguese - which is their first language -, has different forms of classifiers, since the modality is oral-auditory, different from Libras, which is gestural-visual. With that, we realized that hearing teachers who work in sign language teaching in bilingual schools should be trained, as well as participate actively in deaf communities to develop fluency in the use of classifiers, since such professionals are important at a necessary stage of pedagogical development.

Keywords: Hearing Professor. Pointer Classifiers in Brazilian sign Language. Bilingual Schools.

Introdução

Na literatura, são muitas as referências que existem para realizar a acessibilidade de surdos na esfera pedagógica, a qual se dá muitas vezes por meio de intérpretes de língua de sinais. Mas também, em diversos casos, há professores ouvintes que fazem essa ponte entre os surdos e a educação formal. Ponte essa que deve ser feita através da língua oficial, que, no caso do Brasil, é a Língua Brasileira de Sinais – Libras, adotada pela comunidade surda, como um direito garantido a todos os que a têm como língua materna:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

No entanto há muitos questionamentos e propostas envolvendo o professor ouvinte, principalmente no que tange à capacitação dele para atuar tanto como mediador – no caso de atuação como intérpretes – quanto como professor de Libras – no caso de atuação como aquele que ensina o idioma. Afinal, por decreto, tal profissional deve ser competente o suficiente em amplo aspecto para utilizar e transmitir todos os recursos que a língua (Libras) dispõe:

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

É a partir de tais documentos que se entende que o professor de Libras deve adquirir a competência referida por meio de capacitação profissional a fim de desenvolver fluência necessária para atuar nas escolas bilíngues com alunos surdos. Essa habilidade deve obrigar o profissional atuante a lançar mão de todos os recursos que dispõe a Libras, tal qual faz um professor de idiomas, como o Inglês, o Espanhol, o Francês e até o Português, recursos esses que caracterizam aspectos gramaticais importantes a serem ensinados no processo pedagógico. Ou seja, se, nas línguas orais, falar sobre gírias e variações linguísticas é importante no processo ensino e compreensão do Alemão, do Italiano, também é importante reconhecer que isso igualmente ocorre com as línguas gestuais, que, no caso, seriam os Classificadores, por exemplo.

Muitos docentes ouvintes sabem falar o básico de Libras, mas poucos têm a habilidade no uso intenso e complexo da língua, isso porque grande parte deles não usam a língua em seu cotidiano, em diversos contextos, restringem-se apenas ao universo pontual e momentâneo da sala de aula, o que é natural considerando que sua primeira língua é o Português. Esse distanciamento ou falta de prática cotidiana e atuante desses profissionais impede com que eles desenvolvam a habilidade de adaptação de alguns fenômenos linguísticos que se manifestam de maneira diferente nas duas línguas, ou seja, são situações de uso que têm o mesmo significado, mas formas completamente divergentes e, por vezes, diversificadas de manifestação. Por exemplo, o uso do verbo “conduzir” do Português pode ser manifestado de distintas formas em Inglês, como *lead*, *drive* ou *conduct*, dependendo do contexto utilizado. Da mesma forma, é o Português em relação à Libras, pois “andar”, na primeira, pode ser manifestado de diferentes formas, na segunda, afinal, um carro anda de uma maneira, um animal de outra e uma pessoa de uma terceira totalmente diferente das anteriores. Essas diferenças são percebidas a partir de contextos específicos e dadas por meio de recursos determinados, nesse caso, são os Classificadores que vão modalizar as formas como o usuário deve adaptar o sinal em Libras.

Todo esse universo complexo deve estar presente na realidade do profissional docente ouvinte de Libras que atua na educação de surdos ou até mesmo de ouvintes em escolas bilíngues, o que parece, pelas análises que aqui serão feitas adiante, ser recurso escasso na realidade das nossas escolas no Brasil se considerarmos como referência o *corpus* aqui utilizado.

O que pôde ser observado e que será constatado é que, nas escolas bilíngues em que os professores ouvintes trabalham, os Classificadores são entendidos como característica da Libras, mas apenas de maneira parcial, já que são relacionados apenas ao uso de expressões faciais, movimentação do sinal e espaçamento de atuação. Mas desconsideram a adaptação, já referida acima, também como um dos elementos que são partes integrantes dos Classificadores. Se esse aspecto não for corrigido, além de não respeitar a língua natural dos surdos, as escolas bilíngues também e ainda estarão muito aquém da eficiência que escolas para ouvintes têm, algo histórico na formação da educação de surdos no país.

De acordo com a análise bibliográfica sobre o processo de ensino nas escolas bilíngues, constatou-se que os professores ouvintes precisam estudar mais a Linguística da Libras para entender e aprender como ensinar eficientemente todos os complexos recursos que a língua oferece, principalmente no que diz respeito ao uso de Classificadores da Libras para alunos surdos. É importante que os docentes ouvintes que praticam o bilinguismo utilizem metodologias próprias para o desenvolvimento de habilidades específicas no processo de adaptação de fenômenos próprios da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais. É igualmente necessário que essas metodologias que serão usadas como estratégias pedagógicas para os surdos respeite a comunicação natural e os aspectos linguísticos da Libras, demonstrando respeito à primeira língua da Pessoa Surda.

É relevante ressaltar que, tomando como referência as escolas bilíngues analisadas, principalmente ao que tange à formação dos professores ouvintes, a escola precisa buscar novas estratégias pedagógicas que auxiliem os docentes na busca e no desenvolvimento de Classificadores a fim de que o ensino da Libras seja algo profundo, ou seja, não superficial. Para compreender melhor como esse auxílio deve acontecer, foi necessário analisar algumas questões no contexto atual das escolas.

Algumas dessas questões são as seguintes. O professor ouvinte usa Classificadores? Eles têm influência dos Classificadores da Libras? Qual o contato com a comunidade surda que o professor tem para ensinar na escola bilíngue? Os professores têm habilidades e metodologia específicas de Classificadores da Libras na educação bilíngue?

Outras questões relevantes foram a formação do professor ouvinte, como fator importante para pesquisa, sobre o conhecimento linguístico de Libras na fluência/proficiência na comunicação, bem como se o ensino da língua busca esclarecer, por meio de contexto na literatura surda, o uso de Classificadores de Libras nessas escolas e se há a construção da ideia de identidade surda e de cultura surda relevantes para desenvolver o respeito ao entendimento da Libras como língua.

Todas essas observações são necessárias, pois, a partir dessas referências, podemos compreender melhor os aspectos culturais pertinentes ao universo da educação de surdos, que é totalmente diferente do universo que cerca o ensino de ouvintes, no que tange ao ensino de língua. Afinal, para Quadros e Perlin (2007), a diferença de ser diante dos não surdos se propaga pelos artefatos culturais: nossos líderes surdos, a língua de sinais, a escrita de sinais, a história, a pedagogia, a didática, a literatura, as artes etc.

Assim, as escolas bilíngues são referências relevantes na questão cultural para construção da pedagogia que respeite a língua de sinais, a escrita de sinais, a história dos surdos, a literatura, a linguística, enfim, a metodologia no ensino de alunos surdos. Ou seja, na construção de metodologias no ensino das Pessoas Surdas, faz-se necessária a compreensão dos alunos por meio do desenvolvimento de recursos com descrição imagética, que só pode ser possível com profissionais fluentes em Libras.

Este estudo se justifica pela importância desta análise que é focar nos profissionais professores ouvintes e descobrir se eles conhecem e se utilizam dos aspectos de Classificadores em Libras ao ministrar as aulas em escola bilíngue para surdos em Campina Grande.

O Classificador de Libras precisa ser conhecido pelos docentes ouvintes como fator im-

portante no ensino de alunos surdos já usuários da língua de sinais como L1 (Primeira Língua), uma língua de modalidade visual-espacial. Os professores precisam buscar o conhecimento aprofundado sobre a Pessoa Surda e sua cultura para, assim, compreender melhor os aspectos de Classificadores da Libras. Afinal, no desenvolvimento da aprendizagem, o aluno tem o professor como exemplo e busca repetir o Classificador que este apresenta. Portanto, o uso do Classificadores de Libras é relevante para o ensino e aprendizagem dos alunos surdos. Para isso, o professor ouvinte precisa ser fluente na Libras, fazer uso da gramática da Libras e usar Classificadores, contribuindo para uma formação relevante no desenvolvimento dos alunos surdos.

Atualmente, os docentes da educação de Surdos aprendem apenas o básico de Libras, usando, na maioria das vezes, um português sinalizado, não apresentando o contexto para os alunos surdos, os quais perdem tempo e não conseguem alcançar um bom desenvolvimento.

Esta pesquisa visa a expor como o conhecimento sobre a descrição imagética se desenvolve, com foco nos Classificadores de Libras, bem como a aplicabilidade desse conhecimento no ensino das Pessoas Surdas por professores ouvintes em uma escola estadual de Campina Grande, na Paraíba.

Para isto, tem como objetivo geral descrever como o professor faz uso dos Classificadores de Libras em sala de aula bilíngue para alunos surdos. Além de mostrar o contexto em que o professor usa esses Classificadores e verificar se a utilização está de acordo com a gramática da Libras.

As maiores dificuldades encontradas ocorrem, provavelmente, porque o educador ouvinte está acostumado com a Língua Portuguesa, por isso não consegue fazer a adaptação para língua de sinais utilizada nas salas de aula, assim como a falta de preparo e formação docente, bem como das escolas que têm como objetivo a abordagem bilíngue, mas não têm recursos e profissionais capacitados.

A importância da escola bilíngue

Uma escola bilíngue voltada para a educação de alunos surdos precisa ter uma metodologia para o ensino de L1 – primeira língua, a de sinais – e para o ensino de L2 – segunda língua, a Língua Portuguesa –, assim como o ensino de outros saberes próprios da cultura surda. Além disso, o uso da Libras necessita ser obrigatório para a comunicação entre todos os funcionários, como diretor, coordenador, professores, vigilantes, secretária e demais profissionais que atuam no contexto escolar.

A Educação Bilíngue, legalmente reconhecida, pressupõe espaços próprios para os educandos surdos com uso da L1 em todos os contextos escolares, por isso a necessidade de todos os profissionais usarem a Libras, bem como os outros recursos visuais da língua de sinais. Segundo a Lei 13.146 de 06 de julho de 2015, no capítulo IV, Art. 28 § IV:

Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: oferta de educação bilíngue em Libras como primeira língua e na modalidade escrita de língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas” (BRASIL, 2015).

Para entender o que é a escola bilíngue, precisamos conhecer a identidade surda, cultura surda e as metodologias em Libras. Os professores ouvintes que saibam essa língua, que não é simples, devem ter o conhecimento suficiente em língua de sinais, assim como ter experiência em escola bilíngue.

Entende-se [...] os conhecimentos são passados na sua língua natural e por pessoas que saibam, dominam e vivenciam essa

língua. Não basta somente ser fluente em língua de sinais, é preciso viver, pensar e sonhar nessa língua para poder construir pedagogias facilitadoras da aprendizagem (LIRA, 2009, p. 20).

A educação bilíngue oferece ensino de qualidade, porque dispõe de materiais em Libras, da literatura surda, da linguística da Libras, da História de Surdos, todos produzidos para pessoas visuais, além de contar com professores fluentes em Libras, os quais desenvolvem uma pedagogia adequada para surdos a fim de facilitar o desenvolvimento do ensino e aprendizagem desses indivíduos. A escola bilíngue não pode ser apenas um sonho; para que seja efetivada, precisa-se de conscientização e execução prática dos trabalhos, que são muitos e exigem pesquisas e aprimoramentos.

Legislação conquistada pela Libras

A comunidade surda é composta por surdos, família, intérprete de Libras, amigos, entre outros, e está sempre lutando com movimentos fortes pela garantia dos direitos dos surdos, buscando quebrar as barreiras para as pessoas surdas. Essas lutas têm contribuído para a aprovação de algumas leis. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), por exemplo, foi reconhecida como língua oficial das comunidades surdas através dessas militâncias, garantindo uma língua própria do sujeito surdo, afinal, o surdo tem direito a uma língua materna, que, como qualquer outra língua, tem suas próprias regras, suas próprias estruturas gramaticais e linguísticas e possibilita uma comunicação visual-espacial igualmente eficiente, como as línguas orais.

Como língua, possui regras gramaticais de semântica, sintaxe e outros elementos linguísticos da Libras, igual aos outros idiomas. E, como qualquer outra língua, precisa de prática para seu aprendizado. De acordo a Lei de Libras:

A comunidade surda brasileira e língua brasileira de sinais - LIBRAS da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A Libras valoriza as pessoas surdas à medida que – de acordo com o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o qual especifica os direitos dos surdos em todas as áreas – defende a cultura e a identidade surdas, bem como dá garantias de direitos aos surdos.

É relevante ressaltar que, na educação de surdos, haja uma relação entre esses indivíduos e a comunidade escolar a fim de não só desenvolver novas políticas que garantam os direitos das pessoas surdas como também criar propostas pedagógicas que utilizem a língua própria do surdo. Afinal, é essa a determinação da Lei Brasileira de Inclusão Nº 13.146, de 06 de julho de 2015, que garante ao sujeito surdo, no capítulo IV e Art. 28 § IV, a “oferta de educação bilíngue em Libras como primeira língua e na modalidade escrita de língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas”.

Ao que compete aos professores ouvintes, eles devem usar a língua da comunidade surda, na escola inclusiva ou na escola bilíngue, respeitando os usuários maternos. Para isso, devem ter fluência através da prática no uso da Libras a fim de não só alcançarem a mesma habilidade que têm em sua primeira língua, o Português, como também, através dessa prática, ajudar os surdos a terem bom domínio da Língua Portuguesa como segunda língua, afinal, os surdos precisarão usar a L2 em sua modalidade escrita, conforme se afirma em:

Nesse movimento, busca-se o respeito por sua cultura, por

sua identidade, língua e forma de aprendizagem. O governo brasileiro, mesmo aprovando a Libras, em 2002, como língua oficial dos surdos, impõe como modalidade escrita e acadêmica a Língua Portuguesa (LIRA, 2009, p. 21).

Logo, o professor ouvinte conseguirá, no seu processo de ensino e aprendizagem, desenvolver os alunos surdos igualmente nas duas modalidades de língua desses indivíduos: a Libras, como língua materna, por meio de suas características, como os Classificadores; a Língua Portuguesa, como segunda língua, no que diz respeito ao domínio da forma escrita. Dessa forma, além de contribuir para a evolução bilíngue dos surdos, também desenvolverá a autoestima das Pessoas Surdas ao alcançar uma significativa satisfação positiva.

Perfil do professor ouvinte para ensinar nas escolas bilíngues

Os profissionais professores ouvintes são usuários da Língua Portuguesa, na modalidade oral e escrevem na mesma língua, mas a maioria desconhece a língua de sinais. Então, para assumir o ensino em escolas bilíngues, compreender e receber os alunos surdos, precisam de adaptação metodológica e pedagógica, assim com o uso de recursos visuais para ensinar aos alunos surdos. Frequentemente, esses professores continuam usando a mesma metodologia para os alunos ouvintes, e as mudanças que, por vezes, realizam não contemplam a singularidade da Pessoa Surda. Faz-se necessário mais pesquisas e foco na educação de surdos.

O professor precisa entender esses princípios e refletir sobre como transmitir o ensino ao estudante surdo, como ser compreendido e recompensado com o retorno da aprendizagem dos alunos e devem ser fluentes na Libras, bem como conhecedores da cultura surda.

De acordo com Moura (1996), a escola bilíngue deverá garantir que todos os profissionais envolvidos serão fluentes na Língua de Sinais, pois será com base nesta língua que se desenvolverá a leitura e a escrita dos surdos nos conteúdos escolares.

Na escola bilíngue, a linguística da Libras e a cultura surda, os materiais visuais, as salas de aula são requisitos importantes para os alunos surdos, assim como buscar conhecer as várias identidades dos alunos surdos. O professor também tem a oportunidades de aprender com os alunos surdos como participantes de uma mesma língua. É relevante, na interação com a Pessoa Surda, conhecer como a Pessoa Surda escreve e as diferentes organizações gramaticais própria da Libras. Quando o professor ouvinte é usuário da Libras no nível básico, torna-se complicado o ensino e a aprendizagem para as pessoas surdas, já que o uso dos parâmetros, como expressão facial e contextualização, é significativo na sala de aula bilíngue.

Nesse espaço, a interação comunicativa entre os professores e alunos torna-se direta, ao contrário do que frequentemente ocorre, por exemplo, em salas com professores que desconhecem a LS, como afirma Rodrigues (2008).

A escola bilíngue é um espaço onde a Língua Brasileira de Sinais é usada por todos e em todo o tempo. Os professores ouvintes precisam continuar pesquisado e entender que o ensino da Libras para estudantes surdos, na escola bilíngue, garante o desenvolvimento e a aprendizagem além de um bom relacionamento na sala de aula. Por serem pessoas visuais, é importante que o ensino seja com os professores surdos para que ocorra a identificação dos alunos surdos com seus mestres.

Sem dúvida, é importante a habilidade do professor na língua de sinais e não apenas no domínio de um amplo vocabulário, adaptado às regras da Língua Portuguesa. Por mais habilidoso que seja o professor, ele sempre irá imprimir sua visão de ouvinte à língua de sinais, por isso é indispensável, como já disse anteriormente, a parceria entre professor ouvinte e monitor surdo, no processo de ensino e aprendizagem (DORZIAT, 1999, p. 195).

É exatamente nesse contexto que surge a importância da descrição imagética, como o corpo do professor ouvinte precisa ser adaptado para um esquema corporal que é importante para a língua de sinais do surdo com aluno surdo nas escolas bilíngue. Conforme afirma Campello (2008), não há uma sistematização de um conhecimento especializado para nortear a formação de docentes, intérpretes de língua de sinais brasileira e instrutores, multiplicadores e futuros professores sujeitos surdos de língua de sinais brasileira.

Os aspectos da descrição imagética da Libras

A Libras é uma língua de modalidade espaço-visual e possui as mesmas características linguísticas como qualquer outra língua, como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Como outras línguas de sinais, também possui o aspecto visual, o espacial e o corporal dos sinais. É importante a expressão corporal e facial para a visualização da iconicidade para perceber os sentimentos e emoções na interação. Essa descrição imagética corresponde ao espaço onde a expressão corporal e expressão facial e os Classificadores da Libras.

A Visualidade é a relação entre a percepção e a imagem que é modelizada pelas qualidades do signo visual. A segunda categoria, denominada como visibilidade, não está diretamente relacionada com a imagem, mas se constrói a partir dela, isto porque, por meio da iconicidade do signo visual, são construídas relações prováveis através de “descrições imagéticas” que permitem o surgimento de signos mais elaborados, a partir das representações das informações registradas e visuais e da construção mental da imagem (CAMPELLO, 2008, p. 21).

Essas descrições imagéticas apresentam visualidade, é como mostrar a imagem para perceber o signo visualmente. Para isso, é importante uma relação que foque no contexto da Libras usando a expressão corporal e a expressão facial para criar uma imagem mental que irá contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem da iconicidade do signo visual.

Na descrição imagética, como composição de mediação e visual entre a imagem e sua representação visual, é possível percebermos uma operação lógica da visibilidade que funciona como uma fronteira existente entre a materialidade do signo visual e a síntese construída por uma mente interpretadora através de transferências que desempenham o papel de mecanismos transdutores (FERRARA, apud NAKAGAWA, 2006).

Os olhos, como canal visual, enviam para a mente a imagem. Por meio dessa experiência, a abstração da imagem passada através do sinal icônico, no âmbito visual-espacial, estimula a percepção do sentimento, sem precisar usar sequer uma imagem para ilustrar.

[...] a importância dos aspectos da visualidade para firmar uma proposta destes no contexto da esfera interdisciplinar da educação de sujeitos Surdos. O objetivo é desenvolver uma nova abordagem sobre as experiências visuais dos sujeitos Surdos, o que exige uma investigação mais acurada sobre os processos visuais produtores de sentido, manifestos cineticamente pelos sujeitos Surdos (CAMPELLO, 2008, p. 23)

Os classificadores em Libras

Em 1995, é lançada no Brasil a obra *Por uma gramática de línguas de sinais*, de Ferreira-Brito. Tal obra é considerada um marco nos estudos sobre a língua brasileira de sinais (Libras). Essa publicação impulsionou outros estudos, já que se tratava de um estudo pioneiro no Brasil. Ferreira-Brito buscou fazer em seu livro uma “breve descrição linguística da LIBRAS” (FERREIRA-BRITO, 1995, p.11); dentre os tópicos por ela analisados, há um capítulo sobre Classificadores em Libras. Tal capítulo tem como objetivo a descrição de Classificadores na Libras em contraste com as línguas orais e a ASL, sem deixar de considerar as diferenças e as semelhanças entre a língua oral e a de sinais.

Com base em McDonald (1982), Ferreira-Brito considera que os sinais na língua de sinais são “multimorfêmicos”. Os parâmetros ora são considerados morfemas, ora “as características dos parâmetros são fonológicas e as ações musculares do sinal são os traços distintivos” (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 101).

Entende-se, do ponto de vista de Ferreira-Brito, que morfema, unidade mínima de significado, é o parâmetro configuração de mãos, e os Classificadores na Libras são configurações de mãos que podem se afixar a um verbo. Se apoiando em Allan (1977, p. 288), a autora entende que “um classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo, ou predicado para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica” (tradução da autora). De acordo com ela, por atribuir características ao nome a que se refere, o classificador tem significado e é um morfema afixado a um item lexical organizando-o em uma determinada classe. A autora, seguindo a tipologia de Allan, diz que as línguas de sinais são línguas do tipo de Cl-predicado, pois os Classificadores têm a possibilidade de desempenhar a função de nome, adjetivo, advérbio de modo ou de locativo, porém eles só ocorrem incorporados aos verbos ou aos adjetivos.

Os Classificadores utilizam configurações de mãos que representam alguma propriedade física de uma classe. Em anexo (Quadro 1), apresentamos alguns exemplos de configurações de mãos (CM) para Classificadores de tamanho e forma (SUPALLA, 1986).

Nas línguas de sinais, eles são representados por configurações de mãos usadas para expressar formas de objetos, pessoas e animais, bem como os movimentos e trajetórias percorridas por eles (DIAS JÚNIOR; SOUSA, 2011, p.21).

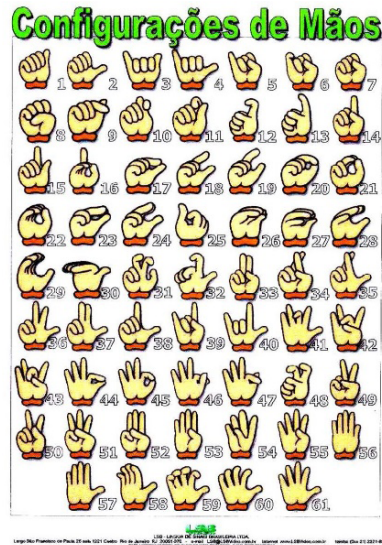
Os aspectos dos classificadores da Libras

A Libras é uma língua com propriedades específicas da modalidade visual-espacial, propriedades essas como a presença de Classificadores, que são uma forma de descrição que se liga ao morfema e ao léxico do sinal. O aspecto espaço-visual do classificador em libras é importante na sinalização, principalmente com as mãos.

O classificador é um tipo de morfema, utilizado através das configurações de mãos que podem ser afixados a um morfema lexical (sinal) para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal (semântico) (QUADROS, et al., 2008, p. 46).

As configurações de mãos são um tipo de morfemas que se referem ao significado do sinal. Abaixo, a tabela de configuração de mãos mostra morfemas Classificadores de tamanho e de forma.

Figura 1. Configurações de mãos



Fonte: Google Imagens, 2018.

Tipos de classificadores língua de sinais

As descrições visuais podem ser captadas de acordo com as imagens dos objetos animados ou inanimados. Observam-se aspectos como som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, olhar, sentimentos ou formais visuais, bem como localização e a ação incorporada ao classificador. Essa classificação pode ter até três dimensões:





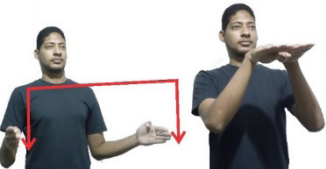

- a) dimensional
- b) bidimensional
- c) tridimensional


Essas descrições visuais são representadas pelos Classificadores nominais, os quais a autora subdivide em cinco categorias: Classificadores nominais descritivos, Classificadores nominais especificadores, Classificadores nominais de corpo, Classificadores nominais de instrumento e, por fim, Classificadores nominais de plural.

a) Classificadores Descritivos:

As descrições visuais podem ser captadas de acordo com as imagens dos objetos animados ou inanimados. Eles se referem a tamanho e forma. Usualmente são produzidos com ambas as mãos para formas simétricas e assimétricas. Refere-se a como utilizar as mãos para representar a forma e o tamanho de objetos.

Tabela 1. Classificadores descritivos

CM	PALAVRA	CLASSIFICADOR	IMAGEM
	BOLA		
	MESA		

	<p>QUADRO</p>		
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------	------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: os autores, 2018.

Os descritivos (Quadro 2, em anexo), como o próprio nome diz, descrevem entidades, ou partes delas, que sejam indivíduos animados ou inanimados, superfícies, paisagens, sentimentos e lugares.

b) Classificadores Especificadores:

A sua função é descrever visualmente a forma, o tamanho, a textura, o paladar, o cheiro, os sentimentos, os aspetos visuais do material, do corpo da pessoa e dos animais.

Tabela 2. Classificadores especificadores

CM	PALAVRA	CLASSIFICADOR	IMAGEM
	<p>ALARME E RELOGIO</p>		
	<p>CHALEIRA E GASOSO</p>		
	<p>TELEFONEE NÚMERO</p>		

Fonte: os autores, 2018.

Os Classificadores nominais especificadores (Quadro 3, em anexo), diferentemente dos descritivos, não descrevem atributos dos referentes, mas suas funções são de:


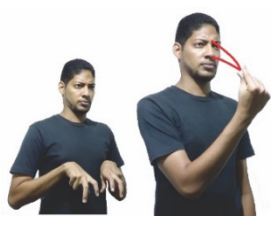



A localização de elementos 'de' ou 'em' um referente (números, símbolos etc.); ou (ii) modo como os referentes "arranjam-se", dispõem-se, distribuem-se ou espalham-se no espaço; o modo como os referentes estão dispostos em dado lugar ou contexto, por exemplo: enrolados, em círculos, empilhados, enfileirados, espalhados etc. (ALLAN, 1977; FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 121).

c) Classificadores corpo:

É o classificador que descreve como uma ação acontece na realidade por meio da expressão corporal de seres animados. Sinalizar a forma do corpo que imita o animal, o ser humana, ou seja, esse tipo de classificador mostra ação, a expressão do corpo, como uma cópia

do jeito do referente.

Tabela 3. Classificadores corporais

CM	PALAVRA	CLASSIFICADOR	IMAGEM
	ÁGUIA		
	CACHORRO ORELHA		
	CABELO CONDULADO		

Fonte: os autores, 2018.

O classificador teria como principal função descrever, localizar e representar objetos segundo sua forma e tamanho.

Descreve com a extremidade do indicador, com as duas mãos, objetos ou locais (quadrados, redondos, retangulares, etc.), fios ou tiras (descrição de uma alça de bolsa); localiza com a ponta do indicador cidades, locais e outros referentes (buraco pequeno); o indicador representa objetos longos e finos (pessoa, poste espeto, prego, rabo de animais) (FERREIRA-BRITO, 1995, p.110).

Os Classificadores de corpo, diferentemente dos outros, são morfemas articulados independentes para marcarem o argumento nominal que se refere a uma pessoa. Eles podem ser: Classificadores de parte do corpo, em que a mão marca a parte do corpo, enquanto o componente de localização é o próprio corpo para marcar a orientação espacial, por exemplo, dar um soco no olho (Figura 2 HIT-IN-THE-EYE); SASS de parte do corpo é a união de SASS com localização no corpo, por exemplo, o sinal de zebra ou onça; e Classificadores de membro que se referem a algum membro do corpo de um ser animado, representando a sua postura ou atitude, como o sinal para coelho ou urso, (Figura 2 “CLAWS e PAWS”).

Figura 2. Classificadores de membros do corpo

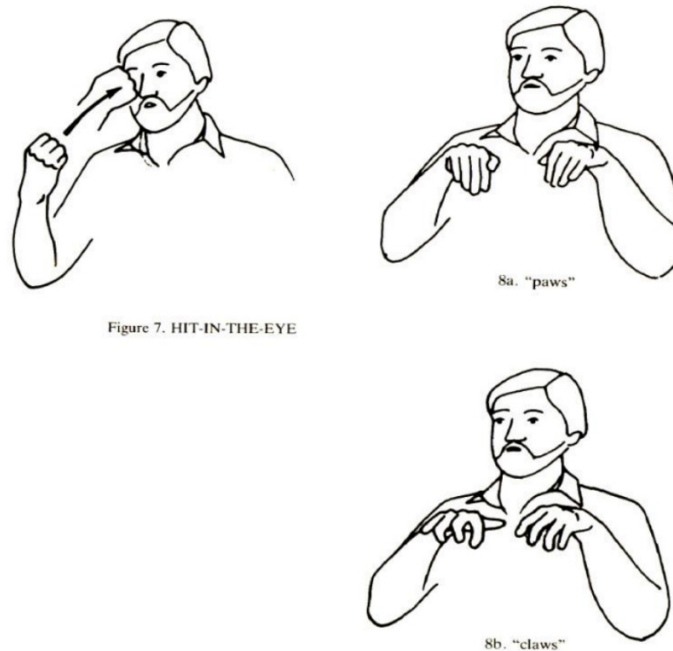


Figure 7. HIT-IN-THE-EYE

8a. "paws"

8b. "claws"

Figure 8. Some examples of limb classifiers

Fonte: Suppalla (1986, p. 208)

d) Classificadores instrumental:

É a incorporação do instrumento descrevendo a ação gerada por ele. Mostra como se usa alguma coisa, ou seja, manipulando um objeto. A forma do sinal é a forma do objeto, incorporando a ação do objeto.

Tabela 4. Classificadores instrumentais

CM	PALAVRA	CLASSIFICADOR	IMAGEM
 19  29	FOTOGRAFIA		
 7  56	PASSA DE FERRO		
 29  7	FURADEIRA		

Fonte: os autores, 2018.

e) Classificadores Plural:

A configuração de mão substitui o objeto em si sendo repetido várias vezes. A quantidade de vezes de repetição visa a demonstrar a quantidade de objetos, pessoas, marcando a pluralização do elemento a que se refere.

Tabela 5. Classificadores de plural

CM	PALAVRA	CLASSIFICADORES	IMAGEM
	LIVRO		
	CARRO		
	FLORESTA		

Fonte: os autores, 2018.

Materiais e método

Entrevistamos cada professor ouvinte para saber como o professor usa os Classificadores na Libras, na escola bilíngue para surdos. Investigamos, especificamente, como o professor ouvinte usa a descrição imagética. O registro foi feito por meio de vídeo, foram filmados e gravados durante a pesquisa sinais que cada professor ouvinte fez ao usar descrição imagética. Também foram feitas questões sobre o que é descrição imagética, para ver se o professor conseguia fazer a descrição imagética, e mostramos imagens e quadrinhos para que o professor observasse a imagem e o quadrinho e usasse a descrição imagética como faz com Classificadores. Além disso, foram feitas pesquisas em livros de vários autores sobre a descrição imagética e Classificadores de Libras, tanto da comunidade surda, Libras, quanto de outras. É importante a pesquisa em diversos livros para relacionar as teorias dos autores. Também era importante pesquisar em outra escola pública para poder investigar como a atuação diferente dos professores.

a) Tipo de Estudo

Para atingir o objetivo desta pesquisa, buscamos utilizar uma análise do tipo exploratório de abordagem quantitativa. A pesquisa tinha o interesse em conduzir análises de como os docentes usam os Classificadores de Libras, como características da língua. Participaram da entrevista três professores ouvintes de Campina Grande-PB.

b) Local de Estudo

A pesquisa foi realizada em quatro escolas públicas, sendo uma escola pública da rede estadual em Campina Grande-PB, com sala bilíngue. Nessas instituições, os docentes ouvintes utilizam Libras e Classificadores em Libras, como área de referência. Também é a principal referência para alunos surdos no espaço da escola bilíngue.

c) Método do Estudo

Foi utilizada uma câmera para gravação dos vídeos de cada um dos professores da Paraíba. A cada 5 Imagens, eram analisados os Classificadores da Libras usados para representar as imagens e os quadrinhos. À medida em que as imagens eram mostradas, analisava-se como os professores ouvintes percebiam a imagem e o quadrinho e como eles faziam uso dos Classificadores na Libras.

Resultados e discussão

Os dados analisados foram sobre o perfil do professor ouvinte usar CL com fluência ou não, como ensina especificamente os Classificadores da Libras. Os dados processados e apre-

sentados quantitativamente foram coletados utilizando-se o programa Microsoft Excel 2010, bem como vídeo para gravar a filmagem na pesquisa e o uso de imagens e quadrinhos com os cinco tipos de Classificadores de Libras. Ao assistir ao vídeo, os professores ouvintes faziam o sinal correspondente, utilizando uma configuração de mão e Classificadores que representavam o significado da imagem mostrada e quadrinhos, e assim eram observados como eles usavam os Classificadores.

A pesquisa atenderá a lei 10.436/02 da comunidade surda brasileira e da língua brasileira de sinais – LIBRAS, como forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002). A Lei Brasileira de inclusão garante ao sujeito surdo 13.146/15 no capítulo IV e Art. 28, § IV, a oferta de educação bilíngue em Libras como primeira língua e na modalidade escrita de língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas (BRASIL, 2015).

Posteriormente encaminhado ao Comitê de Ética em pesquisa através da Plataforma Brasil, para parecer favorável ao estudo. A entrevista só será realizada com o consentimento prévio de cada professor ouvinte através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE (APÊNDICE B), preservando a identidade dos participantes, como também garantindo o direito de recusar-se a participar do estudo a qualquer momento.

A pesquisa foi feita por meio de entrevista aos professores ouvintes em três escolas diferentes. Primeiro foi uma escola em Campina Grande-Paraíba.

Percebe-se, através da pesquisa com cada um dos professores ouvintes entrevistados, que, ao observar a imagem e quadrinhos, há um grande problema, pois são poucos os docentes que fazem uso de Classificadores correspondentes aos que são apresentados nos quadrinhos. Na análise dos dados coletados, percebeu-se que os poucos Classificadores usados pelos docentes são aqueles cujos Classificadores são apreendidos com facilidade. Para perceber essa diferença, foram usados imagem e quadrinho, pois representavam graus de dificuldade diferente. O que se constatou foi que os docentes tiveram problema com o quadrinho, que tem um grau maior de dificuldade, ao realizar os sinais com Classificadores na contação da história; com a imagem, facilmente eles focavam no sinal referente da imagem que era mais fácil de utilizar. Todos os professores ouvintes entrevistados na coleta e análise dos dados foram tinham o seguinte perfil:

Professor (a) 1, ouvinte, ensina Educação Física na escola em campina grande-PB;

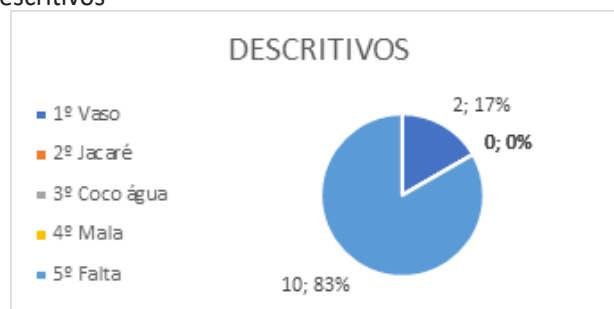
Professor (a) 2, ouvinte, ensina Inglês na escola em Campina Grande-PB;

Professor (a) 3, ouvinte, ensina Geografia na escola em Campina Grande-PB.

A seguir, a coleta e análise dos dados coletados dos professores:

Dados das imagens

Gráfico 1. Descritivos

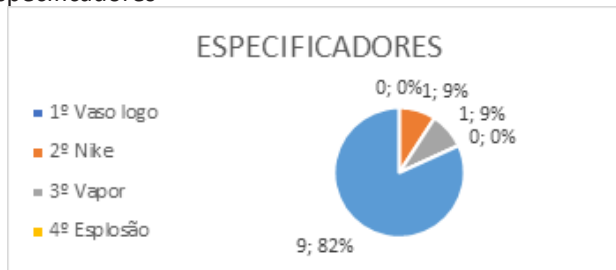


Fonte: os autores, 2018.

Professor (a) 1	Professor (a) 2	Professor (a) 3
Descritivo – Vaso	Descritivo – Vaso	Descritivo – Nada

Falta – jacaré, mala, coco água	Falta – jacaré, coco água, mala	Falta – vaso logo, jacaré, coco água, mala
---------------------------------	---------------------------------	--------------------------------------------

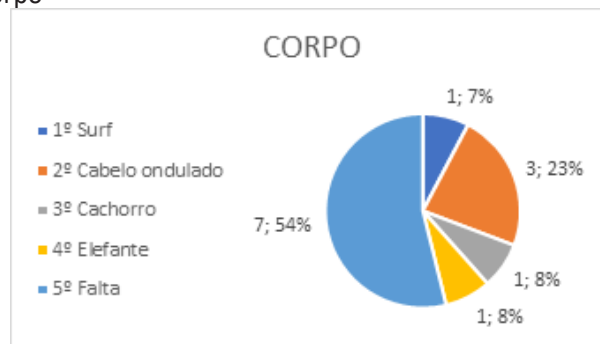
Gráfico 2. Especificadores



Fonte: os autores, 2018.

Professor (a) 1	Professor (a) 2	Professor (a) 3
Especificadores – Nada	Especificadores – vapor fumar, Nike	Especificadores – nada
Falta – vaso logo, Nike, vapor fumar, explosão	Falta – explosão, vaso logo	Falta – vaso logo, Nike, explosão

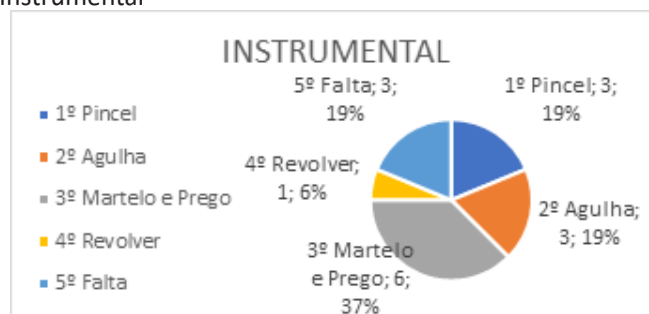
Gráfico 3. Corpo



Fonte: os autores, 2018.

Professor (a) 1	Professor (a) 2	Professor (a) 3
Corpo – cabelo ondulado	Corpo – Surf, cabelo ondulado, elefante e cachorro	Corpo – cabelo ondulado
Falta – vaso logo, Nike, vapor fumar, explosão	Falta – nada	Falta – elefante, cachorro, surf

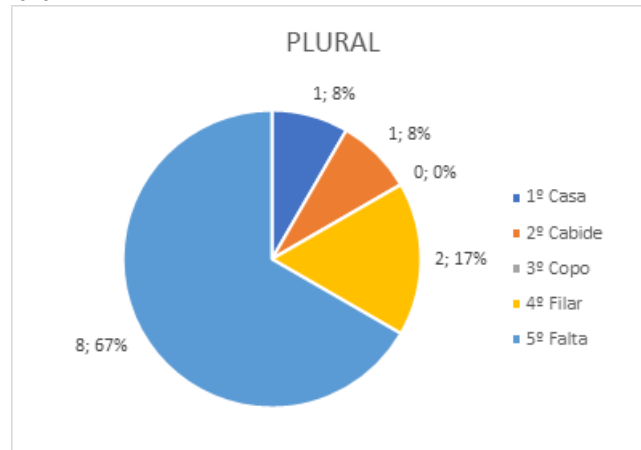
Gráfico 4. Instrumental



Fonte: os autores, 2018.

Professor (a) 1	Professor (a) 2	Professor (a) 3
Instrumental – Pincel, agulha, martelo/prego, revolver	Instrumental – Pincel, agulha, martelo/prego	Instrumental – Pincel, agulha, martelo/prego
Falta - nada	Falta – Revolver	Falta – Revolver

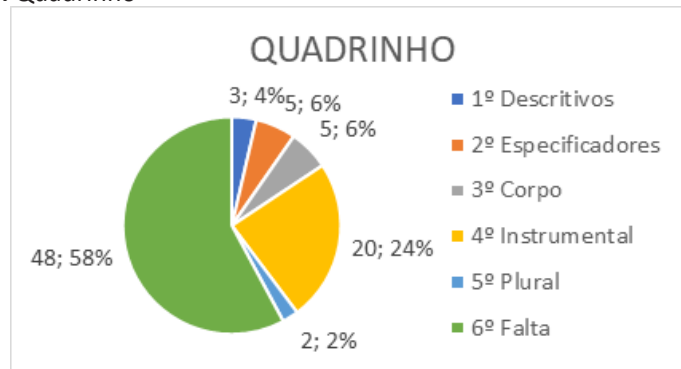
Gráfico 5. Plural



Fonte: os autores, 2018.

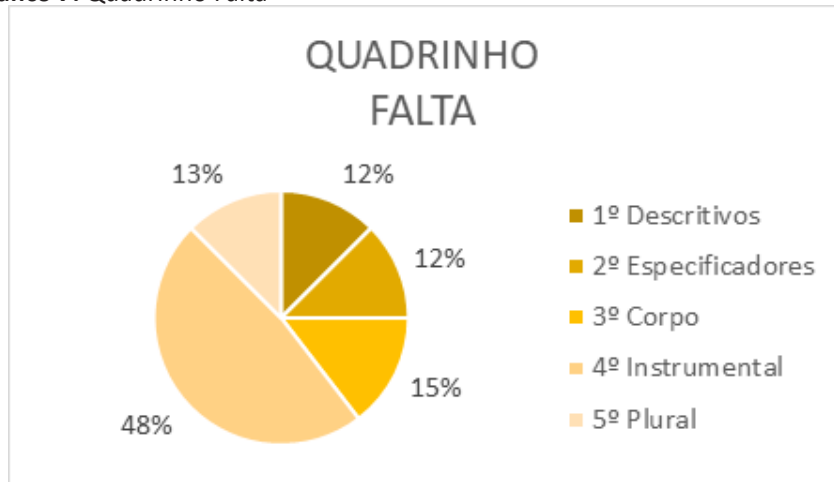
Professor (a) 1	Professor (a) 2	Professor (a) 3
Plural – Casa, filar	Plural – Casa, cabide, filar	Plural – nada
Falta – Copo, cabide	Falta – copo	Falta – casa, cabide, filar, copo

Gráfico 6. Quadrinho



Fonte: os autores, 2018.

Gráfico 7. Quadrinho Falta



Fonte: os autores, 2018.

Através da pesquisa e análise de todos os dados coletados dos professores ouvintes, sobre o uso de Classificadores por parte deles, constatou-se um problema no uso dos cinco tipos de Classificadores, que não eram usados na sua completude. A maioria apenas utiliza o sinal de Libras correspondente, mas são poucos os que fazem uso dos Classificadores de Libras. Embora com o uso de imagens tenha sido mais fácil perceber que os professores lançavam mão de alguns Classificadores, ainda assim eram poucos que se utilizavam do recurso. Fica ainda mais clara a dificuldade de uso dos Classificadores por parte dos professores ouvintes quando se tinham os quadrinhos, pois era necessário entender o contexto da narrativa do conto em quadrinho, algo que se apresentou como grande problema, pois os professores não conseguiam fazer as adaptações necessárias.

A falta de convivência com a comunidade surda, o pouco conhecimento da área e da cultura e identidade surdas corroboram a falta de fluência ou a pouca habilidade no uso de Classificadores de libras, tão necessárias nas escolas bilíngues de surdos com professores ouvintes. É necessário que se compreenda que tais aspectos devem ser observados, pois é direito do aluno do surdo ter primeiro a língua de sinais, e é responsabilidade dos professores ouvintes, a fim de contribuir para o desenvolvimento do surdo, fazer uma boa aquisição da língua sinais no que se diz respeito ao uso CL de Libras. Afinal, de acordo com Skliar (2005), a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos.

A maioria dos professores ouvintes não tem fluência de Libras no uso dos Classificadores de sinais. Mesmo que seja pouca a fluência em Libras, faz-se necessário o uso do classificador de libras. Em escolas bilíngues para surdos, se os professores não se utilizam desses recursos, haverá dificuldade em como aluno surdo, que é visual, entenderá o contexto do uso de Classificadores em Libras. A utilização de Classificadores com configurações de mãos (incluem todas as relações descritivas e próprio de CL, as formas de objetos, pessoas, animais e ações relações entre eles, ao lado de, em cima de, contra, em baixo de, em, dentro de, fora de, atrás de, em frente de, etc.), os diferentes tipos e papéis dos Classificadores e a diferença entre Classificadores e Libras são características extremamente necessárias no uso da língua no que tange à boa correção gramatical, como em qualquer língua.

A Libras é uma língua espacial-visual e existem muitas formas criativas de explorá-la. Configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, Classificadores são alguns dos recursos discursivos que tal língua oferece para serem explorados durante o desenvolvimento da criança surda (QUADROS, 2011, p. 96).

Considerações Finais

O problema constatado é que os professores ouvintes têm dificuldade no uso de Classificadores de Libras, e isso acontece pela falta de convivência com a comunidade surda, o que atrapalha na aquisição da língua, afetando o desenvolvimento como professores ouvintes de surdos. Alguns desses docentes são fracos no uso classificador, o que nos leva a questionar como podem estar responsáveis pela educação em escolas bilíngues para surdo, o que se agrava com o não conhecimento ou a falta de fluência da Libras e dos Classificadores de sinais. Para melhorar em relação aos Classificadores de Libras e ser fluente na língua, é preciso conviver com a comunidade surda e ter contato com os surdos para poder adquirir mais conhecimento. Além disso, é importante a contínua pesquisa, como professor do surdo, no uso de Classificadores. Por fim, verifica-se uma necessidade de melhorar a formação dos docentes de várias disciplinas, obter melhores práticas de trabalho em relação aprendizagem bilíngue a fim de efetivar uma educação de qualidade para o sujeito surdo. Vimos que uma das formas mais fáceis em abordar uso de Classificadores é trazer tanto professores ouvintes quanto professores

surdos.

Em sala de aula, no momento de passar o conteúdo, o professor pode aproveitar para receber a ajuda do aluno surdo no uso de Classificadores que eles já saibam. Mas, para que esse aprendizado a partir do aluno surdo seja ainda mais potencializado, o professor pode aumentar a interação dele com os alunos surdos fora do ambiente de sala de aula.

Adentramos na questão dos Classificadores e sua importância na facilitação do entendimento do público surdo em sala de aula, na metodologia do professor ouvinte, que deve se utilizar, também, de materiais concretos e recursos visuais que instigam no melhor entendimento dos assuntos.

Silveira e Rezende relatam sobre os professores ouvintes no conhecimento profundo da Libras:

Além disso, não é apenas fluência em Libras que os professores ouvintes devem dominar; é necessário o conhecimento profundo da gramática de Libras, sem o qual o professor ouvinte sempre vai achar que em Libras, faltam coisas, que em “Libras não há conjugação de verbos nem preposições ou artigos”, o que seria totalmente contraproducente aos atuais inúmeros estudos lingüísticos que apontam veementemente a Libras como a língua natural dos surdos, com gramática própria (SILVEIRA E REZENDE, 2007, p. 70).

Referências

ALLAN, K. “Classifiers”. *Language*. n.53, p. 284 – 310, 1977.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 22 abr. 2020.

_____. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 22 abr. 2020.

_____. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Dispõe sobre a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 22 abr. 2020.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**, Doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91182>. Acesso em: 21 nov. 2017.

DIAS JÚNIOR, J. F.; SOUZA, W. P. A. In: Libras III. Faria, Evangelina Maria Brito de; Assis, Maria Cristina. (Org.). **Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas**. 1ed. João Pessoa- PB: Editora Universitária/UFPB, 2011, 04, p. 11-53.

DORZIAT, Ana. **Sugestões docentes para melhorar o ensino de surdos**, Cadernos de Pesquisa, n. 108, p. 183- 198, nov./1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n108/a08n108.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2017.

FACULDADE SANTA HELENA: Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos. **A experiência e opinião dos estudantes surdos nas Escolas bilíngues e de inclusão**. Recife,

2009. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/750/monografia_darlene_s_lira.pdf. Acesso em: 22 abr. 2020.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica**. 2009. 290f. Tese (Doutorado em Linguística) Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FERREIRA-BRITO, Lucinda et al. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, Depto. Linguística e Filologia, 1995.

LIRA, D. S. **A experiência e opinião dos estudantes surdos na escola bilíngues e de inclusão** Monografia (Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos).

MOURA, Maria C. de. **O Surdo: caminho para uma nova identidade**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996. (Tese de Doutorado).

NAKAGAWA, Fábio Sadao. **UNI revista**. v. 1, n. 3, jul. 2006.

QUADROS, R. M., Didática da Libras in: **Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas**. (Org.) FARIAS, E. M.B ASSIS, M.C. João Pessoa, editora Universitária, UFPB, 2011.

QUADROS, R. M. et al. **Língua Brasileira de Sinais III**. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008, ISBN 978-85-60522-12-5.

QUADROS, R. M e PERLIN, G. **Estudos Surdos II** / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras). – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

RÉGIS, D. et al. **O uso dos Classificadores da Libras no Ensino das ciências Biológicas**, UEPB. Campina Grande-PB, 2014.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Situações de incompreensão vivenciadas por professor ouvinte e alunos surdos na sala de aula: processos interpretativos e oportunidades de aprendizagem**, Dissertação (Curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais), Belo Horizonte, 2008. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-85LMNK/rodrigues__c._h._disserta__o__2008.pdf?sequence=1. Acesso em: 09 nov. 2017.

SILVEIRA, C. H e REZENDE, P. L. F. **Os discursos sobre a educação de surdos na revista Nova Escola** In. Estudos Surdos III / Ronice Müller de Quadros (organizadora). – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

Recebido em 30 de abril de 2020

Aceito em 17 de março de 2021